

Nobre Appello

II

Prezados conterraneos.

Certo de terdes lido a primeira parte do meu Appello e convicto de ter ella concorrido para a vossa boa orientação, continuo a transmittir vos a summula de minha imaginação ardente, com o unico fim de concorrer para que a vossa attitude, no proximo reconhecimento, vise a Paz e a Vontade do povo que vos delegou poderes amplos.

Os Cearenses, mais uma vez, acabam de confirmar a soberania de sua vontade, no pleito de 11.

Snrs. Deputados.

Propala-se que estaes dispostos a não reconhecer o eleito da multidão. Impossivel!

O povo não tem um desejo absurdo e está disposto, como todos sabemos, a defendel o por todos os meios.

O seu idéial—a sua honra—não será desrespeitado pelos tresloucados; derramar-se á a ultima gotta de sangue, se preciso for, mas o seu brio jamais será maculado.

Suppondo-se que o desenrolar dos factos tenda para semelhante extremo—quem vencerá?—

O povo, custe o que custar, porque a sua causa é magnanima.

E porque não evitar-se o derramamento do nosso sangue e a afflicção no nosso lar?!

Tudo está nas vossas mãos; a solução, de vós, dependerá.

Grandiosa recompensa será a vossa porque tereis deliberado sob o influxo das leis que tudo regem—desde a monera até ao pensamento humano—.

Eliminemos a individualidade e congreguemo-nos n'um Grande Todo: eis a solução do problema da felicidade terrena...

Meus Senhores.

Quem estas linhas escreve não é um cobarde e sim um homem que—alheio ás luctas politicas—possúe um coração de cearense, feito com a mesma substancia dos vossos—este coração impulsiona o sangue que redimiou a raça negra e não póde ficar alheio ao sentir grandioso do seu espirito

Não vos sacrifiqueis e nem a este punhado de heróes e soffredores que só vos pede—JUSTIÇA—.

Não vos deixeis levar pelos desprovidos de Razão!

Gritae bem alto: «Filhos dos verdes mares! E' nosso dever e vontade interpretarmos a vossa vontade, dando-lhe fórma e consummando a»